

Pessimismo com economia sobe desde a posse de Lula

Cresce pessimismo com a economia desde a posse de Lula, aponta Datafolha

Mais brasileiros esperam aumento da inflação e do desemprego e piora na situação pessoal; levantamento é o primeiro após início do governo

Douglas Gavras

SÃO PAULO O percentual de brasileiros que dizem acreditar em uma piora da situação econômica do país nos próximos meses aumentou em março, aponta a primeira pesquisa Datafolha com o tema feita após o início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Na rodada anterior, feita em dezembro e logo após a eleição do petista, 20% dizem esperar uma piora da economia brasileira — agora esse percentual é de 26%, mesmo patamar daqueles que acreditam que não haverá mudança. Entre os que contam com uma melhora, houve uma queda de 49% para 46%.

Foram feitas 2.028 entrevistas em 29 e 30 de março em todo o país, distribuídas em 126 municípios. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. Sobre a situação do Brasil nos últimos meses, a percepção maior é de continuidade: 41% dizem que está igual (eram 35%), 35% falam que está piora (ante 38%) e 23% afirmam que melhorou (eram 26%).

Quando lhes foi perguntado sobre como deve ficar sua situação econômica pessoal, 56% responderam que ela irá melhorar (eram 59% na última pesquisa), 14% disseram acreditar que ela piore (ante 11% de antes) e os mesmos 28% relatam que deverá ficar como está.

Com a expectativa de desemprego, o pessimismo também aumentou em comparação ao Datafolha anterior: agora, 44% falam em aumento do desemprego (eram 35% há três meses), enquanto 29% contam com uma redução (ante 37%). Os dados recentes do mercado de trabalho ajudam a

reforçar essa expectativa. Pela Pnad Contínua, a taxa de desemprego voltou a crescer no trimestre até fevereiro, para 8,6%, após seis trimestres de queda. O mercado espera que a desocupação siga em alta, com a piora da conjuntura econômica.

Já para o emprego formal, considerando janeiro e fevereiro, foram abertas 266.356 vagas segundo o Caged, do Ministério do Trabalho. É o resultado mais baixo para os dois primeiros meses do ano desde a reformulação do cadastro, em 2020.

Entrando em seu quarto mês, o governo tem credibilidade de 3%. Mas Lula precisa ter paciência

Só que além da oposição política no Congresso e fora dele, como o retorno de Jair Bolsonaro (PL) ao país, o governo enfrenta uma situação econômica mais séria do que nos primeiros mandatos de Lula.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, precisa equacionar as incertezas rondando a economia mundial, com a Guerra da Ucrânia e uma menor perspectiva de crescimento econômico, além de inflação e juros elevados ao redor do mundo e um cenário de preços de commodities bem diferente do ciclo de crescimento vivido por Lula lá atrás.

Internamente, o governo também precisa lidar com o desgaste da gilda da tributação federal sobre combustíveis — que haviam sido desonerados por Bolsonaro às vésperas das eleições de 2022 —, anúncios de férias coletivas de montadoras e uma disputa

“Lula 3 começa com um ciclo de crescimento da economia lá embaixo. O lado bom é que daqui para a frente vai voltar a crescer, principalmente se o Banco Central cortar os juros e o pacote fiscal tiver credibilidade. De 3%. Mas Lula precisa ter paciência”

Luiz Carlos Mendonça de Barros
ex-diretor do BC

com o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, pela queda dos juros.

“Lula 3 começa com um ciclo de crescimento da economia lá embaixo. O lado bom é que daqui para a frente vai voltar a crescer, principalmente se o Banco Central cortar os juros e o pacote fiscal tiver credibilidade. O Brasil pode voltar a crescer de 2024 a 2026, em um ritmo acima de 3%. Mas Lula precisa ter paciência”, avalia Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-diretor do Banco Central.

“As pessoas estão pessimistas porque a situação da economia é objetivamente ruim e não estão percebendo economia. Houve um aumento inegável dos combustíveis, e o alívio do corte do ano passado foi perdido com a volta dos impostos”, diz José Luis Oreiro, professor da UnB (Universidade de Brasília).

Quando olham para o bolso, 54% têm expectativas de ver um aumento da inflação (15 pontos percentuais a mais que em dezembro), 20% acham que ela irá diminuir e 26% não contam com uma mudança, ainda segundo o Datafolha.

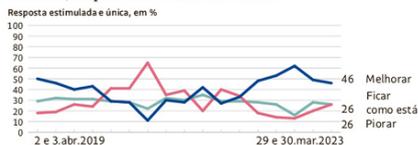
Para o poder de compra das famílias, as expectativas são mais equilibradas: 33% dizem que deve aumentar, 31% falam em redução e 34% não esperam mudança.

Segundo Oreiro, há sinais de enfraquecimento da inflação de alimentos que podem trazer alívio, e o governo também deve desenhar uma política nova para os combustíveis. Mas os desafios de Lula na economia ainda são grandes.

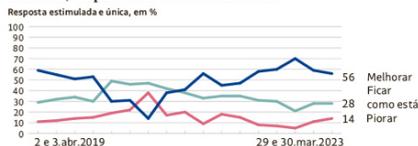
“Nesses três meses foi preciso reconstruir políticas que foram destruídas por Bolsonaro, e é preciso bolar uma política de crédito e tirar milhões do endividamento”.

Expectativa com a situação econômica do país piora

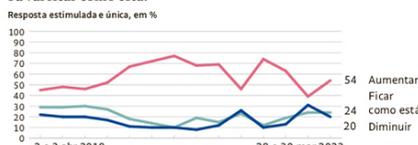
Nos próximos meses, a situação econômica do país vai melhorar, vai piorar ou vai ficar como está?



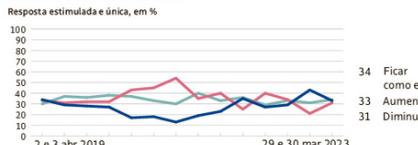
Nos próximos meses, a sua situação econômica vai melhorar, vai piorar ou vai ficar como está?



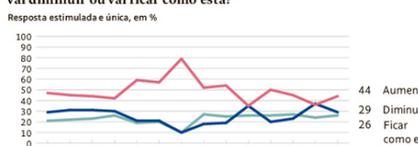
Daqui pra frente a inflação vai aumentar, vai diminuir ou vai ficar como está?



E o poder de compra dos salários vai aumentar, diminuir ou ficar como está?

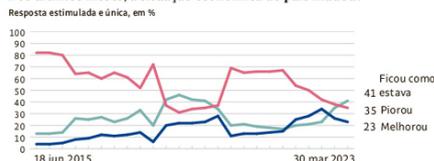


Daqui pra frente o desemprego vai aumentar, vai diminuir ou vai ficar como está?

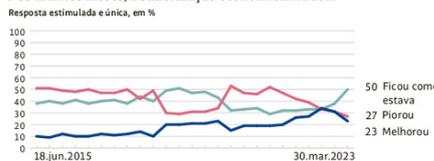


Avaliação da situação econômica do país e pessoal fica estável

Nos últimos meses, a situação econômica do país mudou?



Nos últimos meses, a sua situação econômica mudou?



A atual taxa de juros no Brasil, definida pelo Banco Central, é:



O presidente Lula tem agido bem ou mal ao pressionar o Banco Central para diminuir a taxa de juros?



Fonte: Pesquisa Datafolha nos dias 29 e 30 de março de 2023. Foram realizadas 2.028 entrevistas em todo o Brasil, distribuídas em 126 municípios. A margem de erro máxima para o total da amostra é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

80% dos brasileiros acham que presidente age bem ao pressionar pela queda dos juros

SÃO PAULO “Quero saber de que serviu a independência do Banco Central”, “é só ler a carta do Copom para a gente ver que é uma vergonha esse aumento de juros”, “precisa cuidar da política monetária, mas precisa cuidar também do emprego, da inflação e da renda do povo”.

Nos primeiros meses de seu terceiro mandato, Luiz Inácio da Silva (PT) tem feito duras críticas, como as descritas acima, ao presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, por manter a taxa básica de juros, em 13,75% ao ano. O Copom mantém a Selic no atual patamar desde setembro de 2022, quando interrompeu um ciclo de 12 altas consecutivas.

Sob o argumento de controlar a inflação e trazê-la para a meta, Campos Neto tem dito que as decisões do BC são técnicas e baseadas nas expectativas de inflação futura. Em entrevistas e discursos desde que tomou posse, Lula tem rebatido a autoridade monetária, autônoma desde 2021, apontando que os juros no Brasil não conseguem atacar uma inflação que não é ocasionada pelo aumento de demanda e ainda freiam o crescimento econômico.

Nesse cenário, o Datafolha perguntou aos brasileiros, nos dias 29 e 30 de março,

como eles avaliam o patamar atual da Selic.

Os questionamentos do presidente parecem encontrar eco na população. Para 71% dos entrevistados, a taxa de juros está mais alta do que deveria. Entre os que pensam assim, 55% dizem que ela está muito mais alta do que deveria, e apenas 16% consideram que está um pouco mais alta.

Mesmo entre os eleitores do PL, partido do ex-presidente Jair Bolsonaro, que indicou Campos Neto para o BC, a percepção de que os juros estão mais altos do que o recomendado é de 77%. Entre as regiões do país, essa opinião só fica abaixo dos 70% no Nordeste (67%).

Já 17% dos brasileiros dizem crer que os juros básicos estão em um patamar adequado, somente 5% responderam que ela está mais baixa do que deveria e 6% não souberam responder.

Especificamente sobre a pressão feita por Lula pela redução dos juros, a pesquisa também apontou que 80% dos entrevistados dizem considerar que o presidente está agindo bem. Para 16%, o mandatário age mal, e 5% não souberam responder.

O apoio ao presidente Lula nesse tópico é maior entre os brasileiros que recebem até dois salários

13,75%
ao ano é o atual patamar da taxa Selic

mínimos (R\$ 2.604), faixa em que 85% dizem concordar com o petista.

Também é assim entre aqueles com até o ensino fundamental (84%), os desempregados e que estão sem procurar emprego (91%) e os que se declaram pretos (84%).

Entre os que têm ensino superior, 24% afirmam que Lula age mal ao pressionar o Banco Central; entre os empresários, 28%; entre os que se declaram brancos, 19%.

“Dizer que a taxa de juros deveria estar em 26,5% para cumprir a meta de inflação, como fez o presidente do BC, mostra o tamanho da besteira que eles fizeram lá atrás”, diz Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-diretor do BC.

Para Clemente Ganz Lúcio, sociólogo e coordenador do Fórum das Centrais Sindicais, a discussão sobre os rumos da economia refletem as diferenças entre o Brasil que Lula encontrou ao tomar posse em 2023 e agora, em 2023. “Há uma pressão inflacionária, mas estamos com uma política monetária alucinada do ponto de vista do crescimento. A sociedade espera respostas imediatas do governo e, claramente, o BC tem uma resposta diferente. Como resultado, o país está com um freio na economia como nenhum outro.” DG

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 13